



**Sem economia, não há autonomia: a feira da Central de Produtores Hortigranjeiros do Alto Paraná - Paraguai**  
*Without economy, there's no autonomy: the street market of the Horticultural Producer's Central of Alto Paraná - Paraguay*

C. A. da SILVEIRA, Vicente  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro/CPDA, [aquario.vicente@gmail.com](mailto:aquario.vicente@gmail.com)

**Eixo temático: Economias dos sistemas agroalimentares de base agroecológica**

**Resumo:** O presente trabalho consiste na análise das conexões estabelecidas entre as práticas desenvolvidas pela Central de Produtores Hortigranjeiros do Alto Paraná e os princípios e práticas relacionadas à agroecologia. O Paraguai é o país com maior concentração fundiária na atualidade. Em especial, o departamento de Alto Paraná conta com a maior presença de estrangeiros e grandes produtores de soja, exercendo enorme pressão sobre a agricultura familiar e camponesa. Em resposta à crise do algodão no final da década de 1980, diversas famílias e comunidades camponesas se articularam para a construção de uma feira de venda direta, que hoje conta com mais de 1600 pequenos produtores associados e atende um público semanal estimado de até 12 mil pessoas. A adoção de práticas e conhecimentos agroecológicos é vista pelos associados como estratégia para garantia da soberania alimentar, da independência econômica e da autonomia territorial.

**Palavras-chave:** sistemas agroalimentares alternativos; circuitos curtos; economia camponesa; agricultura familiar.

**Keywords:** alternative agro-food systems; short circuits; peasant's economy; family farming.

## **Introdução**

A agroecologia possui muitos significados, que devem ser compreendidos, em cada contexto, à luz das práticas e experiências em que estão inseridos. No trabalho em questão, buscou-se analisar as conexões existentes entre as atividades de produção, comercialização e organização política e social desenvolvidas no âmbito da Central de Produtores Hortigranjeiros Feriantes del Alto Paraná com a abordagem proposta pela agroecologia. Trata-se de uma associação que administra uma grande feira de venda direta, em que uma média de 380 a 400 feirantes vendem semanalmente seus produtos orgânicos para um público estimado de 10 a 12 mil pessoas, garantindo renda, autonomia e soberania alimentar para cerca de 1600 pequenos agricultores associados.

Localizada em Ciudad del Este - segundo maior centro urbano paraguaio, situado na tríplice fronteira com Brasil e Argentina -, esta feira vem, há 22 anos, construindo uma alternativa ao sistema agroalimentar dominante. Seu sistema de produção e comercialização é autogerido pela Central de Produtores, instituição organizada em 111 comitês espalhados por dezenas de comunidades camponesas em 18 dos 22 distritos do departamento de Alto Paraná. Sua experiência é de enorme relevância



para os estudos da construção social de mercados, da soberania alimentar, dos modos de produção e organização política camponesas e da viabilidade de sistemas agroalimentares alternativos com base agroecológica.

Para a compreensão deste fenômeno, fez-se necessária a articulação de diversos campos do conhecimento: desde as formulações concernentes às noções de agroecossistemas e de sistemas agroalimentares, passando por temas da sociologia econômica e rural, da antropologia política e econômica, da geografia, da história, da ciência política e das relações internacionais, além dos debates acerca das diversas agroecologias que vêm ganhando corpo nas últimas décadas.

## **Metodologia**

A organização política da Central é construída de baixo para cima. Em cada comunidade, as famílias se agrupam em comitês que deliberam e enviam representantes para Coordenação Distrital, e de lá para o Conselho de Delegados, órgão máximo deliberativo da feira. Assim, a família e a comunidade são as bases produtivas, enquanto os comitês são as bases políticas. Em maio de 2017, foi realizado um trabalho de campo com observação participante nas atividades de produção, seleção e transporte dos alimentos produzidos na *finca* de uma das famílias da comunidade El Triunfo – uma das fundadoras da feira -, assim como o acompanhamento de sua vida cotidiana, familiar e comunitária.

Posteriormente, estendemos nosso campo de observação também à feira, onde participei das atividades de montagem da banca de alimentos, venda e articulação política, incluindo reuniões com os responsáveis pela organização e administração da Central. Em articulação com este esforço de observação participante, foram realizadas entrevistas abertas com lideranças camponesas e com funcionários de instituições públicas responsáveis por políticas de incentivo à agricultura familiar.

Além do trabalho de campo, foi empreendida extensa revisão bibliográfica acerca dos diferentes temas relativos à experiência local e à sua inserção no contexto mais amplo de uma economia departamental e nacional voltada para a exportação de alimentos; e sem qualquer política pública de longo prazo para o setor.

## **Resultados e Discussão**

O Paraguai apresenta, na atualidade, a maior concentração fundiária do mundo. De acordo com Kretschmer (2015), 85,5% de suas terras pertencem a 2,6 % dos proprietários, enquanto 91,4% da população camponesa detém apenas 6% de sua superfície agrícola. Isto num país onde cerca de 40% da população vive ainda no meio rural (Matheus, 2016). Este processo vem se intensificando desde os anos 1980 com a “estrangeirização” das terras em favor, principalmente, de brasileiros (os *brasiguayos*) e de empresas transnacionais, no marco da implementação de políticas neoliberais em todo o continente (Pereira, 2016; Moraes e Vieira, 2015). Em especial,



o departamento de Alto Paraná possui a maior concentração de proprietários brasileiros e de produção de soja para exportação.

Diante desse cenário, partimos da discussão sobre a viabilidade de sistemas agroalimentares alternativos via construção social de mercados, que permitam superar a marginalização e a dependência características da “condição camponesa” (Ploeg 2009) através de estratégias econômicas que garantam sua autonomia política e territorial. As feiras de venda direta, dentre outras formas de cadeias curtas e/ou de proximidade, vêm se afigurando como espaços privilegiados para o resgate da autoestima dos agricultores e da formação de relações de confiança entre eles e os consumidores. Este é um elemento recorrente nas falas dos associados, orgulhosos do que produzem e da clientela que fazem na cidade (Ploeg, 2008; Darolt, 2013; Perez-Cassarino e Ferreira, 2013; Cassol e Schneider, 2017; Schneider e Gazolla, 2017).

Até finais da década de 1980 e meados de 1990, a grande maioria dos agricultores que viriam a criar a feira era composta por produtores de algodão para o mercado externo. Com a chegada da variedade Deltapai e a destruição provocada pela praga do *bicudo*, assim como a falta de qualquer proteção por parte do governo (Red Rural, 2016), iniciou-se uma onda de ocupações de terra, de sorte que grande parte dos associados, hoje, vive em assentamentos: alguns já titulados, mas muitos outros ainda não.

Diante desse quadro, alguns agricultores justificam a construção coletiva da feira como uma estratégia de resistência e de luta pela terra, pois sem economia, não há autonomia. Este processo pode ser analisado como uma ressignificação de valores econômicos dentro de relações sociais, culturais e éticas, dotadas de uma ordem moral que tem na sobrevivência e no desenvolvimento familiar e comunitário, assim como na sustentabilidade ecológica, seus fundamentos comuns (Brunori, 2011).

## **Conclusões**

A transição de uma monocultura de algodão para outra diversificada e consorciada, com rotação de culturas, redução da dependência de insumos externos, com produção soberana de sementes e de alimentos saudáveis; veio a atender, em grande parte, às necessidades econômicas de escoamento da produção. Assim, o que se entende por técnicas de produção agroecológica são resultado, neste caso, principalmente de fatores de ordem política e econômica.

Neste sentido, sua concepção de agroecologia deve ser interpretada não apenas como a aplicação de técnicas produtivas inovadoras ou tradicionais para o manejo de agroecossistemas, mas também como um processo contínuo e reflexivo de construção da autonomia das comunidades camponesas, em que as formas de coprodução econômica e simbólica dos recursos naturais, as estratégias de comercialização dos alimentos excedentes; e as ferramentas e desenhos de



organização política são elementos essenciais e interdependentes para a garantia de acesso a terra e da reprodução social dos camponeses organizados (Niederle, 2014; Petersen, 2011).

Conforme se intensificaram e se aproximaram as relações diretas com os consumidores, a produção foi sendo diversificada e politizada no sentido de fazer frente ao mercado convencional e de garantir a soberania alimentar das famílias; assim como a independência política e econômica de seus territórios. Aqui podemos ver uma articulação estrutural e dinâmica entre princípios e práticas econômicas, políticas e ecológicas.

Como afirmou Ploeg (2009), podemos dizer que novas relações de reciprocidade foram acionadas aos níveis de organização política comunitária e de trocas econômicas, com o objetivo de garantir sua resiliência e autonomia territorial. Esta estratégia, por sua vez, é sustentada pela agroecologia em suas duas pontas: por um lado, a coprodução agroecológica garante aos agricultores um mercado independente e regular; por outro, os rendimentos auferidos neste mercado garantem a continuidade de sua coprodução e a sustentabilidade ecológica de suas terras.

## **Agradecimentos**

Agradeço ao CPDA/UFRRJ pelas excelentes aulas ministradas, ao CNPQ por me conceder a bolsa de pesquisa e a Claudia Job Schmitt por toda a orientação e incentivo. E agradeço à minha mãe por me dar a vida.

## **Referências bibliográficas**

BRUNORI, G. **Alternative trade or market fragmentation?** Food circuits and social movements. Universidade de Pisa: Caderno n. 13, 2011

CASSOL, A; SCHNEIDER, S. Construindo a confiança nas cadeias curtas: interações sociais, valores e qualidade na Feira do Pequeno Produtor de Passo Fundo/RS. In: Schneider, S; Gazolla, M (Org). **Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas: negócios e mercados da agricultura familiar**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017.

DAROLT, M. R. Circuitos curtos de comercialização de alimentos ecológicos: reconectando produtores e consumidores. In: Niederle, P. A.; Almeida, L. de; Vezzani, F. M. (Org). **Agroecologia: Práticas, Mercados e Políticas para uma Nova Agricultura**. Curitiba: Ed. Kairós, 2013.

KRETSCHMER, R. **Conflictos territoriales en las regiones de frontera en el Paraguay oriental**. In: Geografia em Questão, vol. 4, 2011.



MATHEUS, F. A. **A questão agrária e a luta pela reforma agrária no Paraguai.** In: Boletim DATALUTA, n. 102, junho de 2016.

NIEDERLE, P. A. Os agricultores ecologistas nos mercados para alimentos orgânicos: contramovimentos e novos circuitos de comércio. In: **Revista Sustentabilidade em Debate.** Brasília, vol. 5, n. 3, setembro de 2014.

MORAES, I. A.; VIEIRA, F. A. C. **Capitalismo agrário e movimentos camponeses no Paraguai.** In: Revista Estudos Históricos, vol. 28, n. 56. Rio de Janeiro, 2015.

PEREIRA, L. I. **Estrangeirização da terra no Paraguai:** migração de camponeses e latifundiários brasileiros para o Paraguai. In: Boletim DATALUTA, n. 97, janeiro de 2016.

PEREZ-CASSARINO, J.; FERREIRA, A. D. D. Agroecologia, construção social de mercados e a constituição de sistemas agroalimentares alternativos: uma leitura a partir da Rede Ecológica de Agroecologia. In: Niederle, P. A.; Almeida, L. de; Vezzani, F. M. (Org). **Agroecologia: Práticas, Mercados e Políticas para uma Nova Agricultura.** Curitiba: Ed. Kairós, 2013.

PETERSEN, P. **Metamorfosis agroecológica:** un ensayo sobre agroecologia política. Tese (Mestrado em Agroecologia). Universidade de Andalucía, 2011.

PLOEG, J. D. Van Der. Sete teses sobre a agricultura camponesa. In: Petersen, P. (Org). **Agricultura familiar camponesa na construção do futuro.** Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009.

PLOEG, J. D. Van Der. Prefácio. In: Sabourin, E. **Sociedades e organizações camponesas:** uma leitura através da reciprocidade. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

RED RURAL. **Productores y feriantes agroecológicos:** estudio de caso sobre beneficios socioeconómicos y ambientales por el uso del enfoque agroecológico en unidades productivas del Paraguay. Paraguay, 2016. Disponível em: <http://alianzaagroecologia.redelivre.org.br/files/2017/03/Paraguay-Productores-y-Feriantes-Agroecol%C3%B3gicos.pdf>. Acesso em 14 de maio de 2019.

SCHNEIDER, S; GAZOLLA, M. Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas. In: Schneider, S; Gazolla, M (Org). **Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas: negócios e mercados da agricultura familiar.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017.